

"Uma fantasia criativa centrada em um mundo com quatro versões de Londres, cada uma com um nível diferente de magia. Um livro para fãs de Neil Gaiman."

The Guardian

V. E. SCHWAB

um tom
mais
escuro de
magia



V.E. SCHWAB

um tom
mais
escuro de
magia

Tradução Ana Carolina Delmas 2016



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO



EDITORA AFILIADA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S425t

Schwab, V. E.

Um tom mais escuro de magia [recurso eletrônico] / V. E. Schwab ;
tradução Ana Carolina Delmas. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.

recurso digital Tradução de: A darker shade of magic Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide
web ISBN 978-85-0110-792-3 (recurso eletrônico) 1. Romance americano.
2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana Carolina. II. Título.

16-35200

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original: A Darker Shade of Magic Copyright © Victoria
Schwab, 2015

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram
assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System Direitos
exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21)
2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil ISBN 978-85-0110-792-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para aqueles que sonham com mundos desconhecidos

*Grande é o dilema quando se trata de magia, pois não é uma questão
de força e sim de equilíbrio.
Se há pouca força, nos tornamos fracos.
Mas, se há força demais, nos tornamos algo completamente diferente.*

— TIEREN SERENSE
Sumo sacerdote do Santuário de Londres

UM

O

VIAJANTE

I

Kell trajava um casaco muito peculiar.

Não tinha apenas um lado, o que seria convencional, ou dois, o que seria inesperado, mas múltiplos: o que era, obviamente, impossível.

A primeira coisa que fazia sempre que passava de uma Londres a outra era tirar o casaco e revirá-lo uma ou duas vezes (ou mesmo três) até que encontrasse o lado de que precisava. Nem todos eram elegantes, mas cada um servia a um propósito. Havia os que se misturavam à multidão e os que se destacavam, e um que não possuía um objetivo, mas lhe agradava muito.

Assim, quando Kell cruzou a parede do palácio e entrou na antessala, levou alguns instantes para se recompor — viajar entre mundos tinha o seu preço —, e então escapuliu de seu casaco vermelho de gola alta e o revirou da direita para a esquerda para torná-lo uma simples jaqueta preta. Bem, uma simples jaqueta preta elegantemente alinhavada com fios prateados e adornada com duas colunas brilhantes de botões de prata. Só porque adotava uma paleta mais modesta quando estava no exterior (sem querer ofender a realeza local nem chamar atenção) não significava que deveria sacrificar o estilo.

Ah, reis, pensou Kell enquanto abotoava a jaqueta. Estava começando a pensar como Rhy.

Na parede atrás de si, conseguiu discernir o símbolo desbotado deixado pela sua passagem, como uma pegada na areia que já se desvanecia.

Ele nunca se dava ao trabalho de marcar a porta deste lado, simplesmente porque nunca retornava por ali. A distância entre Windsor e Londres era terrivelmente inconveniente considerando-se que, quando viajava entre mundos, Kell só podia se deslocar de um local em um deles ao mesmo exato ponto no outro. O que era um problema, pois não havia um Castelo de Windsor a um dia de viagem da Londres Vermelha. Na verdade, Kell acabara de vir da travessia do muro de pedra do pátio de um cavalheiro abastado em uma cidade chamada Disan. E Disan era, de modo geral, um lugar muito agradável.

Windsor, não.

Impressionante, com certeza. Mas não agradável.

Um balcão de mármore corria pela parede, e nele uma vasilha de água o aguardava, como sempre. Ele lavou a mão ensanguentada e a moeda de prata que usara como passagem, depois colocou no pescoço o cordão em que ela ficava pendurada e a escondeu novamente sob a gola da jaqueta. No salão à frente ele podia ouvir diferentes passos e o burburinho baixo de servos e guardas. Escolhera a antessala especificamente para evitá-los. Sabia muito bem quão pouco o príncipe regente gostava de sua presença, e a última coisa que desejava era uma plateia: um bando de ouvidos, olhos e bocas relatando ao trono os detalhes de sua visita.

Acima do balcão e da vasilha ficava um espelho de moldura dourada, e Kell verificou rapidamente seu reflexo antes de atravessar as portas para encontrar seu anfitrião. Seu cabelo castanho avermelhado caía sobre um dos olhos e ele não o ajeitou, apesar de ter parado um momento para alinhar os ombros da jaqueta.

O cômodo estava sufocantemente quente, com as janelas trancadas apesar do que parecia ser um belo dia de outubro. Um fogo ardia raivosamente na lareira.

George III estava sentado ao lado dela, um manto encolhendo sua silhueta murcha e uma bandeja de chá intocada diante de seus joelhos. Quando Kell entrou, o rei agarrou as beiradas de sua poltrona.

— Quem está aí? — perguntou o rei, sem se virar. — Ladrões? Fantasmas?

— Não creio que fantasmas lhe responderiam, Majestade — disse Kell, anunciando-se.

O monarca doente abriu um sorriso de dentes podres.

— Mestre Kell — disse ele. — Você me deixou esperando.

— Não mais que um mês — respondeu Kell, aproximando-se.

O rei George semicerrou os olhos cegos.

— Faz mais tempo, tenho certeza.

— Asseguro-lhe de que não.

— Talvez não para você — disse o rei. — Mas o tempo não passa da mesma forma para quem é louco ou cego.

Kell sorriu. O rei estava bem-disposto. Não era sempre assim. Ele nunca tinha certeza do estado em que encontraria sua majestade. Talvez parecesse fazer mais de um mês porque na última visita o rei estava temperamental e Kell quase não conseguira acalmar seus nervos esfrangalhados por tempo suficiente para lhe entregar sua mensagem.

— Talvez o ano tenha virado — continuou o rei — e não o mês.

— Ah, mas o ano é o mesmo.

— E que ano é este?

Kell franziu o cenho.

— 1819 — afirmou.

Uma sombra obscureceu o semblante do rei George, que apenas balançou a cabeça.

— Tempo — disse o rei, como se aquela palavra pudesse ser culpada por tudo. — Sente-se, sente-se — acrescentou, apontando para o cômodo. — Deve haver outra cadeira em algum lugar.

Não havia. O quarto estava surpreendentemente vazio, e Kell tinha certeza de que as portas no saguão eram trancadas e destrancadas por fora e não por dentro.

O rei estendeu a mão nodosa. Haviam retirado os anéis para evitar que se machucasse, e as unhas estavam aparadas rentes aos dedos.

— Minha carta — disse, e por um instante Kell vislumbrou um lampejo de George como fora um dia. Régio.

Kell tateou os bolsos e percebeu que se esquecera de pegar o bilhete antes de se trocar. Despiu a jaqueta e a retornou por um instante ao lado vermelho, revirando suas dobras até encontrar o envelope. Quando o colocou nas mãos do rei, este afagou e acariciou o selo (o emblema do trono vermelho incrustado na cera, o cálice com um sol nascente), depois levou o papel ao nariz e inspirou.

— Rosas — disse com melancolia.

O rei estava se referindo à magia. Kell nunca notava o suave perfume aromático da Londres Vermelha entranhado em suas roupas, mas, sempre que viajava, alguém invariavelmente lhe dizia que cheirava a flores recém-cortadas. Alguns mencionavam tulipas. Outros, lírios-orientais. Crisântemos.

Peônias. Para o rei da Inglaterra, eram sempre rosas. Kell ficava satisfeito em saber que era um perfume agradável, mesmo que não fosse capaz de percebê-

lo. Podia sentir o da Londres Cinza (fumaça) e o da Londres Branca (sangue), mas, para ele, a Londres Vermelha cheirava apenas ao seu lar.

— Abra-a para mim — instruiu o rei. — Mas não danifique o selo.

Kell procedeu como instruído e retirou o conteúdo. Desta vez agradeceu pelo fato de o rei não poder mais enxergar; assim não saberia o

quão breve era a carta. Três pequenas linhas. Uma cortesia concedida àquela autoridade simbólica e doente, e apenas isso.

— É de minha rainha — explicou Kell.

O rei assentiu.

— Prossiga — comandou, assumindo um semblante majestoso que contrastava com seu estado frágil e sua voz vacilante. — Prossiga.

Kell pigarreou.

— Saudações à Vossa Majestade, o rei George III, de um trono vizinho — leu.

A rainha não se referia ao seu como o trono vermelho nem mandava saudações da Londres Vermelha (ainda que a cidade fosse de um carmim vivo graças à forte luminosidade do rio), simplesmente porque não pensava daquela forma. Para ela, e para qualquer um que habitasse apenas uma Londres, havia pouca necessidade de diferenciá-las. Quando os governantes de uma cidade se comunicavam com os de outra, os chamavam somente de outros, ou vizinhos, ou, em algumas ocasiões (particularmente com relação à Londres Branca), usavam termos menos lisonjeiros.

Somente os poucos capazes de transitar por entre as diversas Londres precisavam de um modo de diferenciá-las. Então, Kell, inspirado pela cidade perdida conhecida por todos como Londres Preta, designara uma cor para cada capital remanescente.

Cinza para a cidade sem magia.

Vermelho para o império vigoroso.

Branco para o mundo faminto.

Na verdade, as cidades guardavam pouca semelhança entre si (e menos ainda os países à sua volta e além). O fato de todas se chamarem Londres era um mistério, mas a teoria predominante era a de que uma das cidades assumira o nome havia muito tempo, antes que se lacrassem as portas e que a única coisa autorizada a transitar de uma a outra fosse a correspondência entre reis e rainhas. Não havia consenso com relação a qual cidade tinha reivindicado o nome primeiro.

— Esperamos que esteja bem — continuava a carta da rainha — e que a estação esteja tão amena na sua cidade quanto está na nossa.

Kell fez uma pausa. Não havia mais nada exceto a assinatura. O rei George torceu as mãos.

— Isso é tudo? — perguntou ele.

Kell hesitou.

— Não — afirmou, dobrando a carta. — Foi apenas o início. — Ele pigarreou e começou a caminhar lentamente enquanto organizava seus pensamentos e os colocava na voz da rainha. — Agradeço por se preocupar com nossa família. O rei e eu estamos bem. O príncipe Rhy, por sua vez, continua nos impressionando e enfurecendo na mesma medida, mas pelo menos passou o último mês sem quebrar o pescoço ou ficar noivo de uma pretendente inadequada. Somos gratos a Kell por evitar que o príncipe fizesse uma dessas coisas, ou ambas. — Kell tinha a intenção de continuar fazendo a rainha divagar sobre os seus méritos, mas então o relógio na parede badalou cinco vezes e ele praguejou baixinho. Estava atrasado. — Até minha próxima carta — concluiu. — Desejo que permaneça feliz e bem. Afetuosamente, sua alteza Emira, rainha de Arnes.

Kell esperou que o rei dissesse algo, mas os olhos cegos sustentavam um olhar vidrado e distante, e o viajante receou que o tivesse perdido. Deixou o bilhete dobrado na bandeja de chá e já estava a meio caminho da parede quando o rei falou: — Não tenho uma carta para ela.

— Não tem problema — disse Kell gentilmente.

O rei não conseguia escrever uma carta havia muitos anos. Em alguns meses ele tentava, arrastando a pena a esmo pelo pergaminho, e em outros insistia em ditá-la para Kell, mas na maioria dos meses ele simplesmente narrava a mensagem e Kell prometia memorizá-la.

— Entenda, não tive tempo — acrescentou o rei, tentando salvar um vestígio de dignidade. Kell concedeu isso ao rei.

— Compreendo — disse. — Transmitirei suas melhores estimas à família real.

Kell se virou para sair, e novamente o rei gritou que parasse.

— Espere, espere — protestou. — Volte.

Kell se deteve. Seus olhos se voltaram para o relógio. Estava cada vez mais atrasado. Imaginou o príncipe regente sentado à sua mesa em St. James, agarrado à cadeira e fervilhando de impaciência. O pensamento fez com que Kell sorrisse, então retornou para o rei enquanto este tirava algo de suas vestes com dedos desajeitados.

Uma moeda.

— Está desvanecendo — afirmou o rei, aninhando o metal em suas mãos envelhecidas como se fosse precioso e frágil. — Não consigo mais sentir a magia. Nem o aroma.

— Uma moeda é só uma moeda, Majestade.

— Não é, e você sabe disso — resmungou o velho rei. — Esvazie seus bolsos.

Kell suspirou.

— O senhor vai me colocar em apuros.

— Vamos, vamos — disse o rei. — Nosso segredinho.

Kell enfiou a mão em um bolso. Na primeira vez que visitara o rei da Inglaterra, entregara-lhe uma moeda como prova de quem era e de onde vinha.

A história de outras Londres era confiada à coroa e passada de herdeiro para herdeiro, mas fazia anos desde que o último viajante se apresentara. O rei George olhara para o rapaz, estreitara os olhos e estendera sua mão robusta, e Kell depositara a moeda em sua palma. Era um simples lin, muito semelhante ao xelim da Londres Cinza, porém cunhado com uma estrela vermelha no lugar da face real. O rei fechara seu punho sobre a moeda e a levava para perto do nariz, inalando seu perfume. E então sorria, guardara a moeda em seu manto e acolhera Kell no palácio.

Daquele dia em diante, sempre que Kell o visitava, o rei insistia que a magia havia se desgastado e o fazia trocá-la por outra moeda, nova e ainda guardando algum calor dos bolsos. Todas as vezes, Kell avisava que a prática era proibida (e era mesmo, terminantemente), e todas as vezes o rei insistia que aquilo seria seu segredinho, e então Kell suspirava e tirava uma nova peça de metal de seu casaco.

Desta vez, pegou o velho lin da palma da mão do rei e o trocou por um novo, fechando os dedos nodosos de George sobre a moeda.

— Isso, isso — murmurou o rei para a moeda em sua mão.

— Cuide-se — falou Kell enquanto se virava para sair.

— Sim, sim — disse o rei, seu foco extinguindo-se até ficar perdido para o mundo e para seu convidado.

Havia cortinas fechadas em um canto do cômodo, e Kell afastou o tecido pesado para revelar uma marca no papel de parede decorado. Um círculo simples dividido ao meio por uma linha, desenhado em sangue um mês antes.

Em outra parede de outro cômodo de outro palácio, havia a mesma marca.

Eram como maçanetas em lados opostos de uma mesma porta.

O sangue de Kell, quando emparelhado com o símbolo, permitia que se movesse por entre os mundos. Não era necessário especificar um lugar porque, onde quer que estivesse em um, era para lá que iria no outro. Mas, para fazer uma porta dentro de um mundo, ambos os lados precisavam estar marcados exatamente com o mesmo símbolo. Parecido não era o bastante. Isso Kell aprendera do jeito mais difícil.

O símbolo na parede ainda estava visível da última visita, as bordas apenas um pouco borradas, mas não importava. Tinha que ser refeito.

Ele dobrou a manga e libertou a faca que mantinha atada à parte interna de seu antebraço. Era um objeto admirável, aquela faca, uma obra de arte, prateada da ponta ao cabo e gravada com seu monograma: K e L.

A única relíquia de outra vida.

Uma vida que não conhecia. Ou, ao menos, da qual não se lembrava.

Kell levou a lâmina até o dorso de seu antebraço. Já havia entalhado uma linha naquele dia para a porta que o levara até ali. Agora cortava uma segunda. Seu sangue vermelho-vivo brotou e se espalhou, então ele devolveu a faca à sua bainha e tocou o corte com os dedos e depois a parede, redesenhando o círculo e a linha que o cruzava. Kell baixou a manga da camisa sobre a ferida — trataria todos os cortes quando chegasse em casa — e olhou de relance para o rei balbuciante antes de pressionar sua palma estendida na marca na parede.

A marca zumbiu com magia.

— As Tascen — proferiu. Transportar.

O papel de parede adornado enrugou-se, suavizou-se e cedeu ao seu toque, e Kell avançou através dele.

II

Entre um passo e outro, a Windsor melancólica se tornou a elegante St. James.

O pequeno quarto abafado deu lugar a tapeçarias esplendorosas e pratarias reluzentes, e os balbucios do rei louco foram substituídos por um pesado silêncio e por um homem sentado à cabeceira de uma mesa ornamentada, segurando um cálice de vinho e parecendo bastante irritado.

— Está atrasado — observou o príncipe regente.

— Minhas desculpas — disse Kell com uma reverência breve demais.
— Tive uma missão.

O príncipe regente depositou o cálice na mesa.

— Pensei que eu fosse sua missão, mestre Kell.

Kell se endireitou.

— Minhas ordens, Vossa Alteza, são para visitar primeiro o rei.

— Gostaria que não satisfizesse os caprichos dele — falou o príncipe regente, cujo nome também era George (Kell achava o hábito da Londres Cinza de filhos receberem os nomes de seus pais ao mesmo tempo redundante e confuso), enquanto gesticulava desdenhosamente com a mão.
— Isso o deixa animado.

— E faz mal? — perguntou Kell.

— Para ele, sim. Ficaré frenético mais tarde. Dançando nas mesas e falando de magia e de outras Londres. Que truque apresentou a ele desta vez?

Convenceu-o de que ele podia voar?

Kell cometera esse erro apenas uma vez. Fora informado na visita seguinte de que o rei da Inglaterra quase saltara de uma janela. No terceiro andar.

— Asseguro-lhe de que não realizei nenhuma demonstração.

O príncipe George beliscou a ponte do nariz.

— Ele não consegue mais segurar a língua. Por isso está restrito aos seus aposentos.

— Aprisionado, então?

O príncipe George correu a mão pela borda dourada da mesa.

— Windsor é um lugar perfeitamente respeitável para resguardar alguém.

Uma prisão respeitável ainda é uma prisão, pensou Kell, retirando uma segunda carta do bolso da jaqueta.

— Sua correspondência.

O príncipe ordenou que ele permanecesse ali enquanto lia o bilhete (nunca comentava como cheirava a flores) e então retirou uma resposta semipronta de um dos bolsos e a completou. Claramente estava se demorando em um esforço para aborrecer Kell, mas o viajante não se importava. Ocupou-se tamborilando os dedos na borda da mesa dourada. Cada vez que ele ia do dedo mindinho ao indicador, uma das muitas velas da sala se apagava.

— Deve ser uma corrente de ar — afirmou distraidamente enquanto o príncipe regente apertava mais a pena. Quando terminou o bilhete, havia quebrado duas e estava de mau humor, ao passo que o estado de espírito de Kell melhorara muito.

Estendeu a mão para pegar a carta, mas o príncipe regente não a entregou.

Em vez disso, levantou-se de seu trono.

— Estou cansado de ficar sentado. Caminhe comigo.

Kell não era fã da ideia, mas não podia sair de mãos vazias, então foi obrigado a concordar. Não antes de pegar da mesa a última pena intacta do príncipe e escondê-la no bolso.

— Você voltará imediatamente para casa? — perguntou o príncipe, enquanto conduzia Kell por um salão até uma porta discreta, oculta por uma cortina.

— Logo mais — afirmou Kell, mantendo-se um passo atrás. Dois soldados da guarda real haviam se juntado a eles no salão e agora os seguiam furtivamente, como sombras. Kell podia sentir os olhos deles sobre si e perguntou-se o quanto sabiam sobre seu convidado. Esperava-se que a realeza soubesse, mas o conhecimento por parte dos serviços era deixado a critério dela.

— Pensei que você só tivesse negócios comigo — disse o príncipe.

— Sou fã da sua cidade — respondeu Kell delicadamente. — E meu trabalho drena minhas energias. Dou uma volta e pego um pouco de ar, então retorno.

Os lábios do príncipe formavam uma linha fina e soturna.

— Receio que o ar não seja tão revigorante aqui na cidade quanto no campo.

Como é que você nos chama... Londres Cinza? Nos dias de hoje, é um nome muito apropriado. Fique para o jantar.

O príncipe terminava quase todas as suas frases com um ponto final. Até mesmo as perguntas. Rhy agia da mesma forma, e Kell achava que o comportamento devia ser um efeito colateral de nunca terem ouvido não.

— Você está muito melhor aqui — pressionou o príncipe. — Deixe-me revigorá-lo com vinho e companhia.

Parecia uma oferta generosa, mas o príncipe regente nunca fazia as coisas por generosidade.

— Não posso ficar — falou Kell.

— Eu insisto. A mesa está posta.

E quem está vindo?, perguntou-se Kell. O que o príncipe queria? Exibilo? Kell frequentemente suspeitava de que ele gostaria de fazê-lo, e pela simples razão de que o jovem George considerava os segredos um fardo e preferia o espetáculo. Mas, com todas as suas falhas, o príncipe não era tolo, e apenas um tolo concederia a Kell a oportunidade de se destacar. A Londres Cinza esquecera a magia havia muito tempo. Kell não seria o responsável por lembrá-la.

— Uma oferta generosa, Alteza, mas é melhor que eu seja um espectador do que o espetáculo.

Kell inclinou a cabeça de forma que seu cabelo acobreado não mais cobrisse os olhos, revelando não apenas o azul translúcido do esquerdo, mas também o preto maciço do direito. Um preto que ia de ponta a ponta, preenchendo tanto a íris como a esclera branca. Nada havia de humano naquele olho. Era puramente mágico. A marca de um mago de sangue. De um Antari.

Kell gostou do que viu nos olhos do príncipe regente quando este tentou sustentar seu olhar. Precaução, desconforto... e medo.

— Sabe por que nossos mundos são mantidos separados, Alteza? — Ele não esperou pela resposta do príncipe. — Para manter o seu mundo seguro. Veja, houve um tempo, eras atrás, em que eles não eram separados. Quando portas corriam entre seu mundo e o meu, e outros, e qualquer um com um pouco de poder conseguia atravessá-las. A magia em si podia transitar. Mas o problema da magia — acrescentou Kell — é que ela se apodera tanto dos obstinados quanto dos fracos de espírito, e um desses mundos não foi capaz de se controlar. As pessoas se alimentaram da

magia, e a magia se alimentou delas até devorar seus corpos, suas mentes e então suas almas.

— A Londres Preta — sussurrou o príncipe regente.

Kell assentiu. Não fora ele quem designara a cor que intitulava a cidade.

Todos, ou ao menos todos nas Londres Vermelha e Branca e os poucos da Cinza que sabiam de alguma coisa, conheciam a lenda da Londres Preta. Era uma história de ninar. Um conto de fadas. Um aviso. Sobre a cidade — e o mundo — que não existia mais.

— Sabe o que a Londres Preta e a sua têm em comum, Alteza? — Os olhos do príncipe regente se estreitaram, mas ele não interrompeu Kell. — Falta-lhes moderação. Ambas são famintas por poder. A única razão de a sua Londres ainda existir é ter sido isolada. E aprendeu a esquecer. O senhor não quer que ela lembre.

O que Kell não disse foi que a Londres Preta tinha magia em abundância em suas veias, e a Londres Cinza, quase nenhuma; ele queria provar seu ponto de vista. E, pelo jeito, tinha conseguido. Desta vez, quando estendeu a mão para pegar a carta, o príncipe não se opôs nem resistiu. Kell guardou o pergaminho em seu bolso junto com a pena roubada.

— Obrigado, como sempre, por sua hospitalidade — afirmou, prestando uma reverência exagerada.

O príncipe regente convocou um guarda com um simples estalar de dedos.

— Assegure-se de que o mestre Kell chegue a seu destino. — E então, sem dizer mais nada, virou-se e se afastou.

Os guardas reais deixaram Kell na entrada do parque. O palácio de St. James despontava atrás dele. A Londres Cinza, à sua frente. Ele inspirou profundamente e sentiu o gosto da fumaça no ar. Mesmo ávido para voltar para casa, ele tinha negócios para tratar e, após lidar com a doença do rei e com o comportamento do príncipe, Kell precisava de uma bebida. Espanou as mangas, endireitou a gola e partiu em direção ao coração da cidade.

Ele caminhou pelo St. James Park até chegar a um caminho de terra que ladeava o rio. O sol estava se pondo, e o ar era fresco apesar de poluído, uma brisa de outono tremulando a barra de seu casaco preto. Alcançou uma passarela de madeira que cruzava o rio, e suas botas

ressoaram baixinho enquanto ele a atravessava. Kell deteve-se no arco da ponte, a Buckingham House iluminada por lâmpadas atrás dele e o Tâmesa à frente. A água espirrava gentilmente sob as ripas de madeira, e ele descansou os cotovelos no parapeito e olhou para baixo. Quando dobrou os dedos distraidamente, a corrente se aquietou, a água parando lisa como um espelho.

Ele avaliou seu reflexo.

"Você não é tão bonito assim", dizia Rhy sempre que flagrava Kell contemplando um espelho.

"Não me canso de mim mesmo", respondia Kell, ainda que nunca estivesse se admirando. Ao menos não por inteiro: apenas seu olho. O direito. Mesmo na Londres Vermelha, onde a magia florescia, o olho o destacava dos demais.

Marcava-o sempre como diferente.

Uma risada tilintante soou à direita de Kell, seguida por um grunhido e outros sons menos nítidos, e a tensão em seus dedos se aliviou, fazendo com que o rio abaixo dele voltasse a seguir seu curso. Ele prosseguiu até que o parque deu lugar às ruas de Londres, e depois à imponente silhueta de Westminster. Kell tinha afeição pela abadia e acenou com a cabeça para ela, como se faz para uma velha amiga. Apesar da fuligem e da sujeira, de sua desordem e pobreza, a cidade possuía algo que faltava à Londres Vermelha: resistência às mudanças. Uma valorização da permanência e dos esforços necessários para construir algo permanente.

Quantos anos haviam sido necessários para construir a abadia? Por quantos mais ela ficaria de pé? Na Londres Vermelha, os gostos mudavam como as estações, e, com eles, construções iam abaixo e eram reerguidas de formas diferentes. A magia tornava as coisas fáceis. Às vezes, pensou Kell, tornava-as fáceis demais.

Em sua cidade, havia noites em que ele sentia como se tivesse ido dormir em um lugar e acordado em outro.

Mas, aqui, a abadia de Westminster resistia de pé, esperando para cumprimentá-lo.

Ele abriu caminho pela estrutura de torres de pedra, através das ruas apinhadas de carruagens e por uma rua estreita que circundava o jardim do deão, murado com pedras cheias de musgo. A rua se estreitava ainda mais antes de finalmente terminar em frente a uma taverna.

Foi ali que Kell parou e despiu seu casaco. Revirou-o novamente da direita para a esquerda, trocando o traje preto com botões prateados por um visual mais simples e apropriado para aquelas ruas: uma jaqueta de gola alta marrom com as bainhas esfiapadas e os cotovelos gastos. Então apalpou os bolsos e, satisfeito por estar pronto, entrou.

III

A Stone's Throw era uma taverna estranha.

Suas paredes eram envelhecidas, seu assoalho estava manchado, e Kell tinha certeza de que seu dono, Barron, adicionava água às bebidas. Mas, apesar de tudo, ele continuava retornando.

O lugar o fascinava, porque, apesar de sua aparência suja e de seus clientes ainda mais sujos, o fato é que por sorte ou destino a Stone's Throw estava sempre ali. O nome mudava, é claro, assim como as bebidas servidas, mas, nesse ponto exato das Londres Cinza, Vermelha e Branca, havia uma taverna. Não era uma fonte de magia em si, como o Tâmis ou Stonehenge, ou as dúzias de faróis de magia menos conhecidos no mundo, mas era algo. Um fenômeno. Um ponto fixo.

E como ele conduzia seus negócios na taverna (quer a placa dissesse Stone's Throw, Setting Sun ou Scorched Bone), isso também tornava o próprio Kell uma espécie de ponto fixo.

Poucos apreciariam a poesia nisso. Talvez Holland, se ele apreciasse alguma coisa.

Mas, poesia à parte, a taverna era o lugar perfeito para se fazer negócios. Os raros crentes da Londres Cinza — aqueles poucos excêntricos que se apegavam à ideia da magia, que se agarravam a um sussurro ou lufada de mágica — gravitavam ali, atraídos pela sensação de algo diferente, algo a mais. Kell também era atraído por isso. A diferença é que ele sabia o que lhes estava instigando.

Obviamente, os benfeitores amantes da magia da Stone's Throw não eram atraídos somente pela sutil e profunda corrente de poder do local ou pela promessa de alguma coisa diferente, de algo mais. Também eram incitados por ele. Ou ao menos pelo rumor de sua existência. O que corria de boca em boca tinha sua própria magia, e aqui, na Stone's Throw, murmúrios sobre o mago passavam pelos lábios dos homens com tanta frequência quanto a cerveja diluída.

Ele estudou o líquido âmbar em sua própria caneca.

— Boa noite, Kell — disse Barron, parando para reabastecer sua bebida.

— Boa noite, Barron.

Era tudo o que costumavam dizer um ao outro.

O dono da Stone's Throw tinha o porte de um paredão — se um paredão resolvesse cultivar uma barba —, alto, largo e impressionantemente maciço.

Sem dúvida Barron já vira sua cota de estranhezas, mas isso nunca parecia perturbá-lo.

Se perturbava, ele sabia como disfarçar.

Um relógio na parede atrás do balcão badalou as sete horas, e Kell retirou uma bugiganga da jaqueta marrom. Uma caixa de madeira aproximadamente do tamanho da palma de sua mão, fechada por um simples gancho de metal.

Quando ele abriu o trinco e empurrou a tampa com o polegar, a caixa se desdobrou em um jogo de tabuleiro com cinco compartimentos, cada um contendo um elemento.

Na primeira divisão, um torrão de terra.

Na segunda, uma colherada de água.

Na terceira, em vez de ar repousava um tantinho de areia solta.

Na quarta, uma gota de óleo, altamente inflamável.

Na quinta e última divisão, um pedaço de osso.

No mundo de Kell, a caixa e seu conteúdo não eram apenas um brinquedo, mas um teste, um modo de as crianças descobrirem quais elementos as atraíam e quais eram atraídos por elas. A maioria logo se cansava do jogo e partia para feitiços ou para versões mais complicadas em busca de refinar suas habilidades. Tanto por sua abrangência quanto por suas limitações, o jogo de elementos podia ser encontrado em quase toda casa da Londres Vermelha e muito provavelmente das vilas ao redor (ainda que Kell não tivesse certeza disso). Mas aqui, na cidade sem magia, era realmente raro, e Kell tinha certeza de que seu cliente aprovaria. Afinal, o homem era um Colecionador.

Na Londres Cinza, apenas dois tipos de pessoas procuravam por Kell.

Colecionadores e Entusiastas.

Colecionadores eram pessoas abastadas e entediadas, que normalmente não tinham interesse na magia em si. Não saberiam diferenciar uma runa de cura de um feitiço de ligação, e Kell apreciava o seu patrocínio.

Entusiastas eram mais incômodos. Imaginavam-se verdadeiros magos e queriam comprar bugigangas, não pelo prazer de possuí-las ou pelo luxo de exibilas, mas para usá-las. Kell não gostava de Entusiastas, em parte

porque julgava suas aspirações um desperdício, e em parte porque lhes servir parecia quase uma traição. Foi por isso que, quando um jovem se sentou ao seu lado e Kell olhou para cima esperando ver seu cliente Colecionador e encontrou um Entusiasta desconhecido, seu humor azedou consideravelmente.

— Este lugar está ocupado? — perguntou o Entusiasta, apesar de já estar sentado.

— Vá embora — disse Kell calmamente.

Mas o Entusiasta não se retirou.

Kell tinha certeza de que o homem era um. Era desengonçado e estranho, sua jaqueta, um tanto curta para sua estatura, e, quando ele apoiou os braços no balcão e o tecido subiu um pouco, Kell reconheceu a ponta de uma tatuagem. Uma runa de poder maldesenhada cujo objetivo era vincular a magia ao corpo de alguém.

— É verdade? — persistiu o Entusiasta. — O que dizem?

— Depende de quem está falando — disse Kell fechando a caixa, deslizando a tampa e colocando o gancho de volta no lugar — e do que está sendo dito.

Ele já havia ensaiado esta dança centenas de vezes. Pelo canto do olho azul, observou os lábios do homem coreografarem seu próximo movimento. Se ele fosse um Colecionador, Kell poderia ter lhe dado uma trégua, mas homens que entram na água afirmando saber nadar não deveriam precisar de salva-vidas.

— Que você traz coisas — disse o Entusiasta, os olhos percorrendo a taverna.

— Coisas de outros lugares.

Kell sorveu um pequeno gole de sua bebida, e o Entusiasta entendeu seu silêncio como concordância.

— Suponho que deva me apresentar — prosseguiu o homem. — Edward Archibald Tuttle, terceiro. Mas me chamam de Ned.

Kell arqueou uma sobrancelha. O jovem Entusiasta estava obviamente esperando que ele se apresentasse também, mas, como o homem claramente já tinha noção de quem ele era, Kell dispensou as formalidades e perguntou.

— O que você quer?

Edward Archibald — Ned — retorceu-se na cadeira e inclinou-se com um ar conspiratório.

— Procuro por um pouco de terra.

Kell apontou o copo em direção à porta.

— Verifique no parque.

O jovem deu uma risada baixa e desagradável. Kell terminou sua bebida.

Um pouco de terra. Parecia um pedido simples. Não era. A maioria dos Entusiastas sabia que seu próprio mundo continha pouco poder, mas muitos acreditavam que, se possuíssem um pedaço de outro mundo, isso lhes permitiria acessar sua magia.

E houve um tempo em que eles estariam certos. Uma época em que as portas permaneciam abertas à beira das fontes, o poder fluía por entre os mundos, e qualquer um com um pouco de magia em suas veias e um artefato de outro mundo podia não apenas acessar aquele poder, mas também mover-se com ele e ir de uma Londres a outra.

Mas essa época se fora.

As portas se foram. Destruídas havia séculos, depois de a Londres Preta cair e levar consigo os restos de seu mundo, deixando apenas histórias em seu encaixe. Agora, apenas os Antari detinham poder suficiente para criar novas portas, e mesmo assim somente eles podiam cruzá-las. Antari sempre foram raros, mas ninguém sabia ao certo quanto, até as portas serem lacradas e o seu número começar a decrescer. A fonte do poder dos Antari sempre fora um mistério (não seguia uma linhagem sanguínea), mas algo era certo: quanto mais os mundos eram mantidos separados, menos Antari surgiam.

Agora, Kell e Holland pareciam ser os últimos de uma espécie que estava entrando rapidamente em extinção.

— Então? — urgiu Ned. — Vai me trazer a terra ou não?

Kell baixou os olhos para a tatuagem no pulso do Entusiasta. Muitos habitantes do mundo cinza pareciam não entender que um feitiço era tão poderoso quanto a pessoa a conjurá-lo. Quão forte seria este Entusiasta?

Um sorriso repuxou o canto dos lábios de Kell quando ele empurrou a caixa devagar na direção do homem.

— Sabe o que é isto?

Ned ergueu cautelosamente o jogo de criança, como se pudesse entrar em combustão a qualquer momento. (Kell considerou a possibilidade de incendiá-

lo, mas se conteve.) Ele brincou com a caixa até que seus dedos encontraram o fecho e o tabuleiro caiu aberto no balcão. Os elementos cintilaram sob a luz bruxuleante da taverna.

— Façamos o seguinte — disse Kell. — Escolha um elemento. Mova-o de seu compartimento, sem tocá-lo, é claro, e eu lhe trarei a sua terra.

Ned franziu o cenho. Considerou as opções e depois enfiou um dedo na água.

— Este aqui.

Ao menos ele não foi tolo o bastante para escolher o osso, pensou Kell. Ar, terra e água eram os mais fáceis de comandar. Até mesmo Rhy, que não demonstrava aptidão alguma, conseguia movê-los. Fogo era um pouco mais complicado, mas o elemento mais difícil de ser comandado era de longe o pedaço de osso. E

por uma boa razão. Quem conseguia mover ossos conseguia mover corpos. Era a magia mais poderosa, mesmo na Londres Vermelha.

Kell observou a mão de Ned pairar sobre o tabuleiro. Ele começou a sussurrar baixinho para a água em uma língua que poderia ser latim ou apenas baboseiras, mas certamente não inglês. Os lábios de Kell se curvaram.

Os elementos não tinham idioma, ou seja, podia-se falar com eles em qualquer língua. As palavras em si eram menos importantes que o foco que induziam na mente do interlocutor, a conexão que ajudavam a formar, o poder que evocavam. Ou seja, o idioma não importava, apenas a intenção. O Entusiasta poderia ter falado com a água em inglês corrente (não que fosse fazer a menor diferença), mas escolhera murmurar sua língua inventada. Enquanto o fazia, movia a mão no sentido horário sobre o pequeno tabuleiro.

Kell suspirou, apoiou o cotovelo no balcão e descansou a cabeça nele enquanto Ned tentava, o rosto ficando vermelho pelo esforço.

Após um bom tempo, a água ondulou sutilmente (o que poderia ter sido causado pelo bocejo de Kell ou pelo homem que se agarrava ao balcão) e depois se acalmou.

Ned encarou o tabuleiro, suas veias pulsando. Seu punho se fechou, e por um segundo Kell teve medo de que ele fosse esmagar o pequeno jogo, mas os nós de seus dedos bateram com força ao lado do tabuleiro.

— Então? — disse Kell.

— É uma fraude — rosou Ned.

Kell levantou a cabeça.

— É? — perguntou. Ele flexionou um pouco os dedos e o torrão de terra ergueu-se de seu compartimento e flutuou calmamente para a palma de sua mão. — Tem certeza? — continuou enquanto uma pequena rajada de ar capturava a areia e formava um redemoinho circulando seu pulso. — Talvez seja. — A água ergueu-se, formando uma gota, e congelou em sua palma. — Ou talvez não — disse no momento em que o óleo se incendiava em seu nicho.

— Talvez — falou Kell conforme o pedaço de osso se elevava no ar —, você simplesmente não possui uma gota de poder sequer.

Ned olhou para ele, boquiaberto, enquanto os cinco elementos executavam suas danças particulares em torno dos dedos de Kell. Este podia ouvir a repreensão de Rhy: Exibido. E então, tão casualmente quanto comandara as peças a se erguer, ele as deixou cair. A terra e o gelo bateram em seus compartimentos com um baque surdo e um tinido, ao passo que a areia se acomodou silenciosamente em sua cavidade e a chama que dançava no óleo se apagou. Restava apenas o osso, pairando no ar entre eles. Kell o fitou, o tempo todo sentindo o peso do olhar faminto do Entusiasta.

— Quanto quer pela caixa? — perguntou ele.

— Não está à venda — respondeu Kell, então se corrigiu. — Não para você.

— Ned empurrou o banco e se virou para sair, mas Kell ainda não havia terminado com ele. — Se eu lhe trouxesse sua terra — falou —, o que você me daria por ela?

Ele observou o Entusiasta congelar entre uma passada e outra.

— Diga seu preço.

— Meu preço? — Kell não contrabandeava objetos entre os mundos por dinheiro. Dinheiro mudava. O que ele faria com xelins na Londres Vermelha? E

libras? Teria melhor sorte queimando-os do que tentando comprar qualquer coisa nos becos Brancos. Até poderia gastar o dinheiro na Londres Cinza, mas no que ele gastaria? Não, o jogo de Kell era outro. — Não quero seu dinheiro — afirmou. — Quero algo que importe. Algo que você não queira perder.

Ned assentiu prontamente.

— Está bem. Fique aqui e eu vou...

— Hoje, não — interrompeu Kell.

— Quando?

Kell encolheu os ombros.

— Dentro de um mês.

— Você quer que eu fique sentado, esperando?

— Eu não quero nada de você — escarneceu Kell. Era cruel, ele sabia, mas queria ver até onde o Entusiasta estava disposto a ir. E caso sua determinação se mantivesse e ele estivesse ali no próximo mês, Kell decidiu que traria para o homem seu saco de terra. — Agora vá embora.

Os lábios de Ned se abriram e se fecharam, então ele bufou e marchou, quase se chocando com um pequeno homem de óculos ao sair da taverna.

Kell colheu do ar o pedaço de osso e o recolocou na caixa enquanto o homem de óculos se aproximava do banco agora vazio.

— O que foi isso? — perguntou ele, sentando-se.

— Nada de mais — respondeu Kell.

— Isso é para mim? — inquiriu o homem, indicando com a cabeça a caixa de jogos.

Kell assentiu e a ofereceu ao Colecionador, que a retirou cautelosamente de sua mão. Ele deixou o cavalheiro brincar um pouco, então começou a demonstrar como a caixa funcionava. Os olhos do Colecionador se arregalaram.

— Esplêndido, esplêndido.

Então, o homem revirou seu bolso e retirou um lenço dobrado. Houve um baque surdo quando ele o colocou no balcão. Kell o pegou e desembalhou o pacote, revelando uma caixa brilhante de prata com uma minúscula manivela na lateral.

Uma caixa de música. Kell sorriu para si mesmo.

Havia música na Londres Vermelha, e também caixas de música, porém a maioria funcionava por encantamentos e não por engrenagens. Kell ficava muito impressionado com o esforço aplicado naquelas pequenas máquinas.

Tantas coisas no mundo cinza eram ultrapassadas, mas às vezes a falta de magia levava à engenhosidade. As caixas de música, por exemplo. Um projeto complexo e ainda assim elegante. Tantas partes e tanto trabalho, tudo para produzir uma pequena melodia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um tom mais escuro de magia" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).